

Mapeamento sobre Conhecimento e Aceitação da Acupuntura entre Católicos, Evangélicos e Espíritas

Mapping on Acupuncture Knowledge of Catholics, Evangelicals and Spiritists People

Daniele Parisotto ^a, Danielle Taís Konrad ^a,
Mishelle Regina Porto Fernandes ^a, Sandra Silvério-Lopes ^{a*}

^a Faculdade de Tecnologia IBRATE

Resumo: Contextualização: A acupuntura é uma técnica que utiliza-se de agulhas e originária da medicina tradicional chinesa, sob influência Taoista. Apesar de muito antiga e de estar bem difundida no ocidente, muitas pessoas não sabem o que realmente é a acupuntura, e quais patologias podem ser tratadas com esta técnica. Objetivo: Verificar se a religião influencia na escolha da acupuntura como recurso terapêutico. Métodos: Os autores elaboraram um questionário composto por 14 questões, sendo 3 abertas, sendo que foi aplicado em 3 grupos de 100, praticantes das religiões: evangélica, católica e espírita. Idades entre 25 a 65 anos, sendo 106 homens e 194 mulheres. Resultados: Dos 300 entrevistados, 98 disseram que não fariam tratamento com acupuntura, destes 21,4% dos católicos disseram não acreditar nos resultados, 12,2% dos evangélicos citaram o medo das agulhas e 10,2% dos espíritas citaram o medo de contaminação, apenas 2% disseram que não fariam acupuntura por questões religiosas. Porém quando se associa a acupuntura com símbolos (Yin/Yang/Tao, símbolos orientais, equilíbrio), a rejeição aumenta para 21,2%. O estudo verificou que ainda falta muita informação a respeito da acupuntura, e medos. O preconceito quanto a acupuntura é mínimo, porém alguns símbolos de suas origens taoistas ainda são tabus e negativamente associados. Conclusão: As religiões não exercem influência na escolha da acupuntura como tratamento.

Palavras-chave: Acupuntura, Catolicismo, Evangelismo, Espiritismo, Religiões.

Abstract: Background: Acupuncture is a technique that is used of needles, originating Chinese Traditional Medicine (TCM), under Taoist influence. Although very old and widespread in the west, many people do not know what acupuncture really is, and which pathologies can be treated with this technique. Objective: To verify if religion influences the choice of acupuncture as a therapeutic resource. Methods: A questionnaire composed of 14 questions was elaborated, being 3 open. The questionnaire was applied in a population composed by 300 subjects that were divided in 3 groups of equal number of practitioners of the religions: evangelical, catholic and spiritist. The population is 5 to 65 age old; 106 males and 194 females. Results: Out of the 300 respondents, 98 said they would not treat acupuncture, 21.42% of Catholics said they did not believe the results, 12.24% of evangelicals cited fear of needles and 10.2% of spiritists cited fear of Only 2% said they would not do acupuncture for religious reasons. However, when acupuncture is associated with symbols (Yin/Yang/Tao, oriental symbols, balance), rejection increases to 21.27%. The study found that much information is still lacking on acupuncture, and fears. Preconception about acupuncture is minimal, but some symbols of their Taoist origins are still taboo and negatively associated. Conclusion: Religions do not influence the choice of acupuncture as a treatment.

Keywords: Acupuncture, Catholicism, Evangelicalism, Spiritism, Religions.

1. Introdução

Derivada dos radicais latinos acus e pungere, que significam agulha e puncionar, respectivamente, a acupuntura promove o reparo das enfermidades através de estímulos dados sobre a pele, com a inserção de agulhas em pontos específicos chamados de acupontos. Trata-se também de uma terapia reflexa cujos mecanismos partem de estímulos nociceptivos¹.

Originada na China há milhares de anos atrás, a acupuntura é parte integrante da Medicina Tradicional Chinesa (MTC), sendo fortemente influenciada pelo Taoísmo². Muito da linguagem simbólica que

as bases teóricas da acupuntura estuda é decorrente desta influência.

Uma das convicções da MTC sempre foi a crença na capacidade do ser humano em promover sua auto cura. A outra é de que é preciso entender o ser humano na sua totalidade, assumindo assim a premissa de uma forma de medicina com necessidade de uma visão integrada e holística da saúde³. Sendo assim, a MTC é eficiente como sistema primário de atenção à saúde, bem como de recurso complementar as terapias alopáticas ocidentais^{2,4}.

Cada religião é formada por um conjunto de práticas e crenças, ritos e mitos. Em cada grupo pode-se observar seus costumes e tradições diferentes, que podem influenciar a maneira de como vivem as famílias. No presente trabalho a abordagem envolve três das mais frequentadas religiões praticadas no

*Autor correspondente: ibrate@ibrate.edu.br

Brasil.

Desde o passado, a Igreja e o Estado possuíam funções e posições muito próximas, como uma forte aliança tipo “trono e altar”, “cruz e espada”, especialmente nos séculos XV ao XVIII. Essa ligação entre Coroa Portuguesa e a Igreja foi intensa na idade média inclusive durante a colonização da América portuguesa. Os reis exerciam o “padroado”, com autorização papal eles nomeavam as autoridades religiosas e os passavam a serem funcionários do Estado⁵.

O catolicismo, religião predominante no Brasil desde a colonização portuguesa, adquiriu cores próprias num país onde a maioria da população tem origem não europeia, oriunda de etnias indígenas ou africanas⁶. No Brasil, foi somente após a República com a separação entre a Igreja e o Estado, a mesma adquiriu mais liberdade de ação, contornos mais precisos e definidos⁷.

Os dados sobre opção religiosa do último Censo Demográfico no Brasil confirmaram o que os cientistas sociais da religião já vinham constatando há duas décadas: o rebanho evangélico vem crescendo de modo extraordinário e acelerado no Brasil. Também é notório que o tradicional rigorismo puritano e o notório sectarismo de parte considerável desse grupo religioso vêm sendo paulatinamente minimizados nos últimos anos⁸.

O espiritismo é, ao mesmo tempo, ciência experimental e doutrina filosófica. Como ciência prática, tem a sua essência nas relações que se podem estabelecer com os espíritos. Como filosofia, compreende todas as conseqüências morais decorrentes dessas relações. Autores contemporâneos como Zimmermann⁹, conceitua o Espiritismo como o “sistema de conhecimentos que revela a natureza espiritual do ser humano, sua realidade interexistencial e o processo de sua evolução”.

Tendo em vista que as religiões tem fortes ascendências sobre o comportamento social e escolhas das pessoas, e face ao novo paradigma emergente da saúde no Brasil, justificam-se estudos que evidenciem o modo de pensar, percepção e crenças dos diferentes grupos religiosos quanto a acupuntura como recurso terapêutico.

2. Métodos

A pesquisa é do tipo descritiva, com abordagem quantitativa do problema. A população foi composta no total por 300 sujeitos, sendo 100 da religião católica, 100 da religião evangélica e 100 da religião espírita.

Os sujeitos da pesquisa são praticantes em suas religiões, tem idades entre 25 e 65 anos, são alfabetizados, de ambos os sexos. Não houve discriminação em relação ao estado de saúde, cor e raça.

Após um contato inicial com os responsáveis por cada um dos 3 templos religiosos, foi colhido a assinatura de autorização dos mesmos para realização da pesquisa. Na sequência, houveram as abordagens verbais aos frequentadores das igrejas ou do centro espírita, doravante denominados como templos religiosos, para explicar qual o objetivo da pesquisa. Quando o indivíduo aceitava participar da entrevista era então explicado e coletado a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, obedecendo as orientações da Resolução MS 466/2012¹⁰ quanto à ética em pesquisa.

Após foi entregue o questionário composto de 14 questões, elaborado pelas autoras, buscando atender ao objetivo proposto.

3. Resultados

As questões objetivas foram tratadas por simples avaliação percentual, e as subjetivas (abertas), avaliadas por interpretação dos autores.

Em relação a idade, foram entrevistadas pessoas de 25 anos a 65 anos. Os valores encontrados foram os seguintes: de 25 a 35 anos, 17% dos católicos, 57% dos evangélicos e 21% dos espíritas. Com idades variando de 36 a 56 anos, 64% dos católicos, 32% dos evangélicos e 48% dos espíritas, e da amostra com 57 anos ou mais, 19% dos católicos, 11% dos evangélicos e 30% dos espíritas. É perceptível que na amostra dos evangélicos houveram mais indivíduos jovens.

Foi perguntando o nível de instrução dos indivíduos pesquisados sendo distribuídos em: com primeiro grau: católicos 19%, evangélicos 10% e espíritas 23%, com o segundo grau católicos 49%, evangélicos 31% e espíritas 47%, com terceiro grau ou mais: católicos 32%, evangélicos 59% e espíritas 30%.

Foi averiguado quanto tempo o entrevistado era praticante da religião. Tendo como respostas: 1 ano ou menos (13,60%), 2 anos (9%), 3 anos (17%) e 4 anos ou mais (60,33%). Um dos questionamentos procurou saber se o entrevistado já recebeu algum tipo de informação sobre a acupuntura. Na amostra total (n = 300), 127 indivíduos (26%) disseram não terem recebido nenhum tipo de informação sobre a acupuntura.

Na sequência foi perguntados aos 300 entrevistados, quantos já se submeteram ao tratamento com a acupuntura. Da amostra total, 153 (51%) dos sujeitos pesquisados disseram que não se submeteram a tratamento com acupuntura (53 católicos, 62 evangélicos e 38 espíritas) e 147 (49%) já se submeteram a tratamento com acupuntura (47 católicos, 38 evangélicos e 62 espíritas).

A frequência com que os entrevistados costumam fazer os atendimentos com acupuntura. Os 147 in-

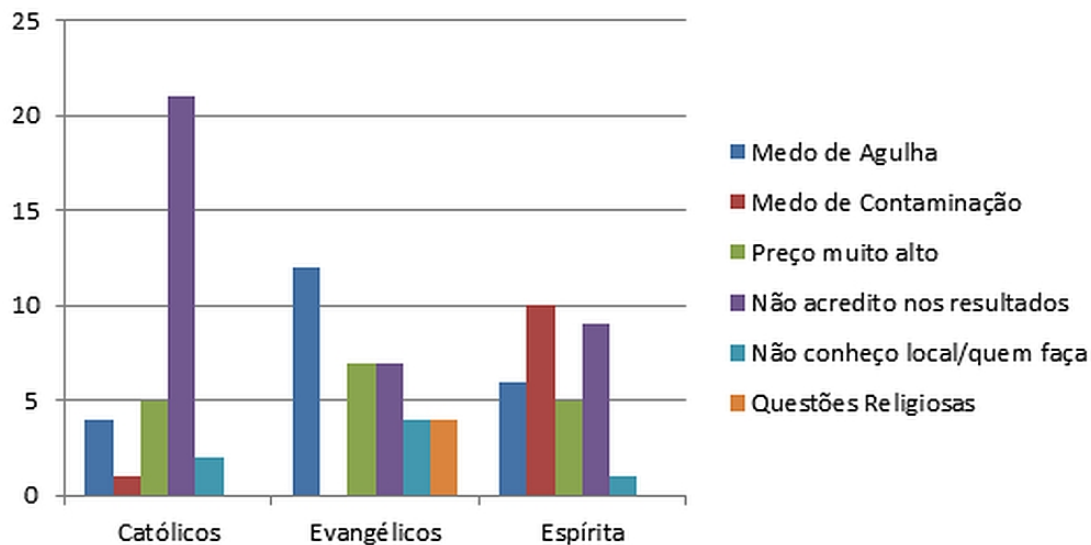


Figura 1: Ilustração dos motivos pelos quais os entrevistados rejeitam receber a acupuntura.

divíduos que já experimentaram a acupuntura, 27 deles (18,36%) realizaram apenas 1 atendimento, sendo 11 católicos, 15 evangélicos e 1 espírita. 58 (39,45%) deles fizeram várias vezes atendimentos com acupuntura, sendo 28 católicos, 13 evangélicos e 17 espíritas e por fim 62 (42,18%) dos sujeitos, disseram fazer acupuntura sempre que podem e/ou necessitam, desses 8 são católicos, 10 são evangélicos e 44 são espíritas.

Para aqueles que se submeteram a acupuntura, foi perguntado qual técnica receberam em seu tratamento. 18 católicos, 8 evangélicos e 17 espíritas, total de 43 (29,25%) dos 147 que já realizaram acupuntura, disseram que a técnica utilizada foi a acupuntura sistêmica (apenas no corpo). A auriculoterapia foi recebida por 21 (14,3%) sujeitos, 4 católicos, 8 evangélicos e 9 espíritas.

Para aqueles entrevistados que não se submeteram até então à acupuntura, e que não a fariam, foi-lhes perguntado qual seria o motivo. Na Figura 1, está mostrada a distribuição relacionando a religião com os possíveis motivos que levam a não receber acupuntura.

Uma das questões objetivou detectar se há conhecimento por parte dos entrevistados do que a acupuntura trata como recurso terapêutico. Foram dadas 18 alternativas, que são as seguintes: Não sei do que trata; ansiedade; alterações gastrointestinais; estética; baixa resistência; enxaqueca, cefaleia, dor de cabeça; cansaço; equilíbrio energético; depressão; emocional, alterações psíquicas; dores em geral; insônia; distúrbios hormonais e/ou menstruais; impotência sexual; dor na coluna cervical, torácica e lombar; stress; emagrecimento; todas as

alternativas acima.

As alternativas mais assinaladas nos três grupos das diferentes religiões, foram: ansiedade/stress, dores em geral, incluindo enxaquecas, e um grande número de pessoas responderam todas as alternativas. Se comparado as resposta entre as religiões, não houveram diferenças importantes entre os grupos.

No questionário foi também perguntado o quanto pagariam em uma sessão de acupuntura, tendo sido fornecido faixas de valores, onde era assinalado a opção do entrevistado. Uma vez que os resultados entre as três diferentes grupos religiosos, não apontou diferenças, optou-se em agrupar os mesmos e demonstrar em percentuais da população total. Os que não pagariam são 31,33% da amostra (94 sujeitos), pagariam entre R\$30,00 e R\$40,00 são 34,3% (103 sujeitos), pagariam entre R\$ 40,00 e R\$ 50,00, foi escolhida por 27% (82 sujeitos) e, por fim, os que pagariam acima de R\$ 50,00 são 7,7% (22 sujeitos).

O presente estudo teve questões abertas sobre tema. Dos 64 que já conversaram sobre o assunto, 28 escreveram que foram orientados a procurar a acupuntura, como meio de tratamento, por ser eficaz em muitas doenças, ser quase indolor e não apresentar riscos secundários para a saúde, como acontece com os medicamentos. 16 falaram que ouviram que a técnica era duvidosa, que não apresentava resultados efetivos e que não havia comprovação científica sobre a eficácia da acupuntura como recurso terapêutico. 2 escreveram que foram orientados a procurar a acupuntura, desde que os acupunturistas fossem profissionais capacitados e habilitados para exercer a técnica de inserção de agu-

lhas. E os outros 18 não deixaram nada escrito no questionário.

Para avaliar a percepção dos entrevistados quanto a simbologias que podem ou não fazer parte do conhecimento e referências conceituais da história de vida de cada sujeito, foi apresentado nesta etapa do questionário aberto, os símbolos expressos na Figura 2, e solicitou-se para que cada um escrevesse com uma palavra ou duas palavras o que símbolo representava ou sugeria.

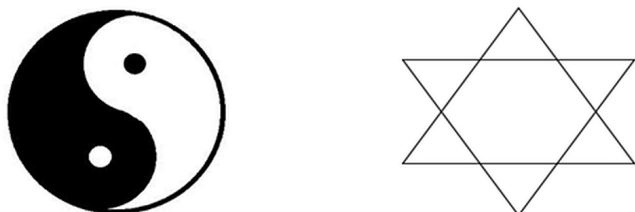


Figura 2: Símbolos apresentados aos entrevistados.

Os que afirmaram que sim, foram 202 (67,33%) da amostra total, sendo 93 católicos, 78 evangélicos e 31 espíritas. Os que responderam que não tinham visto os símbolos foram no total de 98 (32,66%) da amostra total, sendo 7 católicos, 22 evangélicos e 69 espíritas.

A seguir perguntou-se o que eles representam para os entrevistados. Algumas pessoas deixaram uma, duas ou até três respostas, e outras não deixaram nenhuma resposta. Foi então organizada as palavras equivalentes conforme consta na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição percentual de respostas entre os entrevistados, sobre o que os símbolos representavam a eles .

Referência Associada aos Símbolos	% das Respostas
<i>yin/ yang</i>	19,3%
símbolos orientais	18,9%
símbolos de Davi	16,6%
não representam nada	11,4%
bem e o mal	10,8%
símbolos da nova era	9,9%
símbolos de ceitas	8,4%
símbolos místicos e/ou satânicos	1,9%
algum tipo de religião	1,1%
equilíbrio	0,8%
religião japonesa	0,3%
igualdade e esperança	0,2%
símbolos usados por pessoas descrentes	0,2%
elementos do corpo humano	0,1%

Somando-se os percentuais dos itens respondidos, que para os entrevistados aparentam símbolos ideologicamente negativos (bem e mal, seitas satânicas, descrentes), perfazem 21,3%. Contrapondo a soma de 39,1% dos que acertaram sua representação (*yin/ yang*, orientais, equilíbrio).

A pergunta seguinte sobre os símbolos foi se eles representam algo de espiritual, para os entrevistados. A resposta “não” foi dada por 200 (66,7%) dos entrevistados, sendo 91 católicos, 31 evangélicos e 78 espíritas. A resposta “sim”, representa algo de espiritual para mim, foi dada por 100 (33,3%) dos sujeitos entrevistados, sendo 9 católicos, 69 evangélicos e 22 espíritas.

4. Discussão

Em quase todos os países do mundo, é mais fácil ver mulheres entrando nas igrejas do que homens. Geralmente quem mais se envolve com as questões religiosas são as mulheres, fato constatado por autores em pesquisas na última década¹¹. O dado encontrado na presente pesquisa também vai de encontro com esta tendência. Verificou-se que 194 (64,7%) dos entrevistados eram do sexo feminino. Este percentual acima de 60% foi verificado nos três grupos religiosos.

Um estudo de Ross¹² concluiu que ir regularmente à igreja é um fator significativo na felicidade das mulheres. Dado as mudanças que a nossa sociedade tem sofrido nas últimas décadas têm tido um impacto negativo sobre a felicidade das mulheres, a análise permite concluir que as mulheres que frequentam a Igreja são menos sensíveis a este impacto. As mulheres que afirmam frequentar regularmente a igreja parecem mais imunes aos elementos que causaram o declínio geral da felicidade. A pesquisa também mostra uma diminuição na prática religiosa dos homens, no mesmo período, mas que não corresponde a um declínio significativo na felicidade masculina¹³.

Em relação a distribuição das idades, é observado que houve uma diferença entre os grupos, com uma na maior quantidade de sujeitos mais jovens, de 25 a 35 anos no grupo de evangélicos. Nas demais faixas de idade os grupos se apresentaram equivalentes. Esta constatação não justifica uma discussão específica, no entanto é um viés da pesquisa que precisa ser apontado, uma vez que a amostra foi por conveniência.

Sobre o nível de escolaridade dos entrevistados, mais de dois terços possuem o segundo grau ou mais, incluindo-se graduados e pós-graduados. Não houveram diferenças importantes entre os grupos. A escolaridade é um fator importante, uma vez que a educação é um diferencial não só para questões de natureza cognitiva, ou intelectual mas também

para formar o comportamento crítico, para desmistificar fatos, trazendo a luz do conhecimento para cada sujeito. No entanto, na área de educação em saúde existe uma preocupação de valorizar o conhecimento popular enraizado na cultura popular como possibilidade de instrumentalizar e educar a população a partir de suas realidades e vivências¹³.

Observa-se que o nível da população pesquisada que já ouviram falar sobre acupuntura é alto, atingindo 74% do total.

Pereira¹⁴ em um estudo com 30 usuários do SUS, aplicou um questionário onde uma das questões foi também saber sobre o conhecimento da acupuntura. Em sua pesquisa o resultado encontrado foi que pessoas que conhecem ou ouviram falar sobre a acupuntura (90%) superando muito os que a desconhecem (10%). Esse dado aponta para a popularidade da acupuntura decorrentes provavelmente de campanhas educativas, mídia, pessoa para pessoa, conselhos de classe, entre outros. A pesquisa deste autor por ter sido realizada em ambiente de saúde, pode sugerir uma possibilidade maior da aproximação do conhecimento em relação a acupuntura dos entrevistados, se comparado a este estudo em ambiente de templo religioso, embora os dois percentuais sejam altos.

O diálogo entre as pessoas também é uma forma de se manter informado. Nesta pesquisa, 37 (16,6%) dos entrevistados, disseram que souberam sobre acupuntura através de amigos. Segundo Pereira¹⁴ os usuários de serviços de acupuntura geralmente recomendam o tratamento a um amigo. No estudo de Bellotto Junior et al¹⁵ dos 50 pacientes entrevistados (68%), vieram até o atendimento por acupuntura espontaneamente e/ou através de conversas com usuários versus 28% que procuraram o atendimento através de encaminhamento médico.

A opinião em relação aos resultados obtidos para aqueles que disseram ser tratados com acupuntura, foram que 48,3% entrevistados ficaram satisfeitos, sendo que os demais manifestaram outras respostas que traduziram uma fraca satisfação, pois esperavam mais. No estudo de Bellotto Junior et al¹⁵ o percentual de satisfação com os resultados terapêuticos da acupuntura foram melhores com 67% revelaram que o resultado obtido foi muito bom. A técnica que é mais conhecida e usado pelos entrevistados foi a acupuntura sistêmica e auriculoterapia com igual equivalência.

Segundo Pereira¹⁴ as terapias “alternativas” e complementares são procuradas principalmente, para patologias que a medicina alopática tem menos eficácia tais como doenças crônicas ósteo-musculares, cujo sintoma principal é a dor. Silva e Tesser¹⁶ também concluiu que os pacientes que procuram a acupuntura são queixas que não conseguiram boa resolução pelos métodos tradicionais.

Esta constatação vai de encontro com o que os entrevistados conhecem sobre o que acupuntura trata. No passado só se conhecia a acupuntura por ser capaz de tratar a dor. Porém, atualmente a população já aceita outras possibilidades para tratamentos de acupuntura tal como estresse, ansiedade, enxaquecas, como observado entre as respostas dos entrevistados desta pesquisa.

Dos 300 indivíduos entrevistados, 202 (67,33%) responderam que fariam tratamento com acupuntura, contra 98 (32,66%) que responderam que não fariam. São diversos os motivos que levam a população a não procurar a acupuntura como recurso terapêutico e complementar, entre eles, medo de agulha (22,44%), medo de contaminação (11,22%), preço muito alto (17,34%), falta de crença nos resultados (37,75%), não conhecer local ou algum profissional que faça acupuntura (7,14%) e questões religiosas (3,06%). O medo de agulha atinge números mais altos, representando 67% da população que não faz acupuntura por esse medo, no estudo de Pereira¹⁴. Materiais de estímulo não invasivo estão sendo cada vez mais possibilidades de driblar este medo.

O que chama a atenção no presente estudo é o percentual de indivíduos que não faria por “não acreditar nos resultados”, representando mais de um terço dos motivos. Esta constatação faz-nos pensar o peso do “preconceito” pois o sujeito não faria porque já acha que não funcionará. O esclarecimento é o caminho para mudar esta rejeição.

Os símbolos constantes no questionário não foram reconhecidos por 33% da população total. Igual percentual (33%) de sujeitos dizem que os símbolos remetem a algo espiritual, sendo que 22% associam os mesmos como algo negativo.

A força da simbologia é algo que transcende a necessidade de conhecimento intelectual⁵. É algo que se perde ao longo da História da humanidade, desde os primórdios, foi sem dúvida uma forma de comunicação e poder. A própria igreja exerce o controle ou domínio sobre os bens simbólicos, tendo portanto ela o poder¹⁷.

5. Considerações Finais

Para aqueles que dispõem de algum conhecimento sobre a acupuntura, muitos tem medo das agulhas, e outros duvidam da efetividade da técnica, entre outras circunstancias citadas.

Os dados do trabalho nos mostra que dos 98 entrevistados que não fariam acupuntura, 21,42% dos católicos não fariam por não acreditar nos resultados, 12,24% dos evangélicos não fariam por medo de agulha, e medo de contaminação foi citada por 10,20% dos espíritas.

Na maioria das vezes a religião não influencia na escolha da acupuntura como tratamento. Nesta pesquisa apenas 3% dos entrevistados, estes pertencentes à religião evangélica, não fariam acupuntura por questões religiosas. No entanto é representativo que um terço da população entrevistada, afirma que não poderia pagar nenhum valor apresentado para receber tratamento com acupuntura. É algo importante porque não basta ter vontade, é preciso viabilizar. A oferta da acupuntura no SUS é bem vinda e recomendada.

A força dos símbolos é algo que sempre esteve ligado as religiões. Pelo preconceito, por falta de conhecimento, sugere-se que os profissionais que se utilizam das técnicas de acupuntura e suas correlatas, que se utilizarem de símbolos em suas divulgações e/ou ambientes o façam com cautela e se essa for a opção que eduquem seus pacientes.

Observa-se que ainda é preciso divulgar mais a acupuntura com dados científicos, provando para a população que é uma técnica segura, eficaz e que apresenta ótimos resultados.

Referências

- [1] S. Silvério-Lopes. *Analgesia por Acupuntura*. Omnipax Editora, Curitiba, PR, 2013. 168 p.
- [2] T. J. Kaptchuk. *The Web That Has no Weaver: Understanding Chinese Medicine*. BookBaby, Pennsauken, NJ, USA, 2a edição, 2014.
- [3] D. Hollenberg e L. Muzzin. Epistemological challenges to integrative medicine: An anti-colonial perspective on the combination of complementary/alternative medicine with biomedicine. *Health Sociology Review*, 19(1):34–56, 2010.
- [4] L. A. Souza, C. S. Balduino, L. B. Karpiuk, M. J. B. Pereira, e S. Silvério-Lopes. Acupuntura enquanto política e prática de saúde; a percepção dos acupunturistas. In: *Anais do XXII-ème Congrès de L'ALASS*. Lausanne, Switzerland, 2011.
- [5] H. Werner e B. Kaplan. *Symbol Formation: An organismic-developmental approach to the psychology of language*. Psychology Press, London, UK, 2014.
- [6] C. V. A. Ornelas. Breve perfil da igreja católica no Brasil. Disponível na internet em: www.miniweb.com.br/cidadania/temas_transversais/igreja_catolica.html, 2014.
- [7] L. A. G. Souza. As várias faces da igreja católica. *Estudos Avançados*, 18(52):77–95, 2004.
- [8] A. L. Jungblut. A salvação pelo rock: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil. *Religião & Sociedade*, 27(2):144–162, 2007.
- [9] Z. Zimmermann. *Espiritismo, Século XXI*. Editora Allan Kardec, Campinas, SP, 2011. 73 p.
- [10] Ministério da Saúde. Resolução MS 466-2012. Disponível na internet em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>, Brasília, DF, 2012.
- [11] A. Moreira-Almeida, I. Pinsky, M. Zaleski, e R. Laranjeira. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(1):12–15, 2010.
- [12] G. A. Ross. The impact of church attendance on the decline in female happiness in the United States. *Interdisciplinary Journal of Research on Religion*, 7(1):1–29, 2011.
- [13] M. B. Falkenberg, T. P. L. Mendes, E. P. Moraes, e E. M. Souza. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3):847–852, 2010.
- [14] C. F. Pereira. Acupuntura no SUS: uma análise sobre o conhecimento e utilização em Tangará da Serra – MT. *Saúde e Pesquisa*, 3(2):213–219, 2010.
- [15] N. Bellotto Junior, L. C. Martins, e M. Akerman. Impacto dos resultados no tratamento por acupuntura: conhecimento, perfil do usuário e implicações para promoção da saúde. *Arquivos Médicos do ABC*, 30(2):83–86, 2005.
- [16] E. D. C. Silva e C. D. Tesser. Experiência de pacientes com acupuntura no Sistema Único de Saúde em diferentes ambientes de cuidado e (des) medicalização social. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(11):2186–2196, 2013.
- [17] J. C. Pereira. Religião e poder: os símbolos do poder sagrado. *CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais da UFJF*, 2(3):80–107, 2008.

Notas Biográficas

Daniele Parisoto é graduada em Fisioterapia e especialista em Acupuntura pela Faculdade de Tecnologia IBRATE.

Danielle Taís Konrad é graduada em Farmácia e especialista em Acupuntura pela Faculdade de Tecnologia IBRATE.

Mishelle Regina Porto Fernandes é graduada em Fisioterapia pela Faculdade Dom Bosco e especialista em Acupuntura pela Faculdade de Tecnologia IBRATE.

Sandra Silvério-Lopes é graduada em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Estadual de Londrina; graduada em Fisioterapia pela Universidade Tuiutti do Paraná, PR; mestre em Tecnologia em Saúde pela PUC-PR; doutora em Ciências dos Desportos pela UTAD/Portugal. É especialista em Acupuntura desde 1994. É autora do livro *Analgesia por Acupuntura* e co-autora do livro *Atlas de Auriculoterapia de A a Z*. Atualmente é docente e coordenadora da Pós-graduação em Acupuntura da Faculdade IBRATE e Diretora do Núcleo de Pesquisas em Acupuntura (NUPEA) da Faculdade IBRATE.